

Concepções de aprendizagem do português como segunda língua por aprendizes surdos

RESUMO: Este estudo tem por objetivo investigar as concepções de aprendizagem de alunos surdos sobre o português como segunda língua. O corpus deste estudo é composto por entrevistas realizadas por meio de vídeos feitos com cada entrevistado individualmente. Os entrevistados responderam a uma série de perguntas sobre a importância de a pessoa surda aprender português como segunda língua, suas dificuldades em aprender essa língua e como aprendem. As entrevistas foram filmadas e as respostas dos alunos foram transcritas para o português para análise. As respostas dos alunos nos permitiram chegar nas metáforas que eles utilizam para falar de seus processos de aprendizagem e nos ajudaram a compreender como eles entendem seus processos de aprendizagem de línguas.

Palavras-chave: Metáforas. Aprendizagem. Surdos. Português como segunda língua. Concepções de aprendizagem.

Learning concepts of Portuguese as a second language by deaf learners

ABSTRACT: This study aims to investigate the learning conceptions of deaf students about Portuguese as a second language. The corpus of this study is composed of interviews conducted through video involving each subject individually. Subjects answered a series of questions about the importance of the deaf person learning Portuguese as a second language, their difficulties in learning that language and how they learn. The interviews were filmed and the students' responses were transcribed into Portuguese for analysis. Students responses have allowed us to reach out to the metaphors they use to talk about their learning processes and have helped us understand how they comprehend their language learning processes.

Keywords: Metaphor. Learning. Deaf people. Portuguese as second language. Learning conceptions.

Ana Rachel Carvalho Leão¹
Michelle Andrea Murta²

Introdução

Este estudo, apresentado no I Encontro Mineiro de Ensino e Pesquisa em português Língua Estrangeira/Língua Adicional, possui por base as teorias da Linguística Aplicada, uma vez que o trabalho aborda questões referentes à aprendizagem de segunda língua, e da Linguística Cognitiva, especificamente a teoria da metáfora conceptual. A Linguística

¹Doutoranda em Estudos Linguísticos pelo Poslin (UFMG). Professora do Departamento de Linguagens do IFMG, campus Congonhas. E-mail: anarcleao@gmail.com

²Doutoranda em Estudos Linguísticos pelo Poslin (UFMG). Professora da Faculdade de Letras da UFMG. E-mail: michelle.murta@gmail.com

Aplicada contribui com os estudos sobre ensino e aprendizagem de línguas, enquanto a Linguística Cognitiva nos permite analisar as metáforas em narrativas de estudantes de português como segunda língua. Os estudos de Lakoff e Johnson ([1980] 2003) são a principal fonte teórica deste trabalho e é o que nos permite identificar e investigar as metáforas que os alunos surdos utilizam para falar da aprendizagem do português como segunda língua.

Para conhecermos as metáforas acima mencionadas, fizemos entrevistas com alunos surdos que atualmente cursam aulas de português como segunda língua em um curso de extensão ofertado em um Instituto Federal de Minas Gerais e em outras instituições de ensino. Ao todo, a coleta de dados contou com a participação de quatro surdos, com idades entre dezesseis e quarenta anos. As entrevistas foram feitas em Libras (Língua Brasileira de Sinais) e filmadas para posterior análise. Uma vez que os sujeitos entrevistados não moram nas mesmas cidades e não estudam juntos em um mesmo curso de português, cada entrevista foi feita individualmente, resultando em um vídeo com cada um. Nas entrevistas, os participantes responderam às perguntas sobre a importância de aprender o português como segunda língua, as dificuldades que encontram para aprender e como eles aprendem.

A comunidade surda brasileira teve a Libras reconhecida como sua língua oficial no ano de 2002, com a promulgação da Lei Federal 10.436 de 24 de abril. Mas mesmo tendo uma língua reconhecida, o português continuou sendo considerado como a única forma escrita aceita oficialmente no país. Assim, os surdos precisam aprender a ler e a escrever em língua portuguesa, uma vez que os documentos oficiais divulgados no Brasil, os materiais didáticos utilizados na maioria das instituições de ensino e as notícias e as informações veiculadas em revistas e jornais impressos, por exemplo, são escritas em língua portuguesa.

Considera-se, assim, que a comunidade surda é uma comunidade bilíngue, falante da Libras como primeira língua (L1), língua que é considerada mais natural para eles, uma vez que é falada com o corpo e percebida pelos olhos, e o português é considerado a segunda língua (L2), aprendido para a prática da leitura e da escrita. A partir dos estudos de Madeira (2017), utilizamos o termo segunda língua para tratar da aprendizagem do português por surdos, uma vez que os surdos aprendem o português em diversas situações de comunicação, pelo fato de os falantes das duas línguas estarem sempre em contato, já que ambas são faladas dentro de uma mesma fronteira territorial.

Sendo assim, nem sempre os surdos aprendem o português somente em ambientes formais de ensino, uma vez que também o aprendem com seus familiares em suas casas ou por atividades cotidianas, como acesso à internet, leitura de livros ou jornais, uso de redes sociais, para citarmos alguns exemplos. Na próxima seção abordaremos melhor a questão da aprendizagem do português pela comunidade surda.

Ensino de português como segunda língua para surdos

Quando se trata da educação de pessoas surdas, podemos constatar que a realidade dessa comunidade em relação aos demais é bem diferente, pois, durante muitos anos, o espaço escolar dos surdos foi utilizado como lugar de oralização, no qual os surdos ficaram à mercê do currículo escolar, subordinado ao treino da fala. Com o passar dos anos, o método oralista, denominado Oralismo, foi considerado ineficiente, uma vez que não educava os alunos de maneira eficiente, apenas os treinava a falar oralmente.

Diante dessa comprovação, os estudiosos do assunto passaram a dar enfoque a um novo método educacional, chamado Comunicação Total, para o qual “todos os recursos ou modos semióticos são importantes e indispensáveis, tais como fala, leitura labial, escrita, desenho, dramatização, LS [Língua de Sinais] e alfabeto manual” (BARBOSA, 2016, p. 55). Esse método de ensino consiste na utilização simultânea de uma língua oral e uma língua de sinais.

Por um longo período, a língua oral foi tomada como o caminho para a resolução de grande parte dos problemas existentes no ensino de surdos. Essas percepções contribuíram para a ascensão da língua de sinais (LS) no âmbito educacional, permitindo, assim, o surgimento de uma nova postura em relação à surdez, embasado no método do Bilinguismo ou Educação Bilíngue. O Bilinguismo é uma proposta seguida por escolas que estão dispostas a tornar acessíveis aos alunos surdos duas línguas no contexto escolar: a Libras como L1 e o português como L2 (QUADROS, 1997).

Com a inserção do método bilíngue, a Libras passou a ser reconhecida como a primeira língua dos surdos (BRASIL, 2002; BRASIL, 2005), sendo ela a principal ferramenta de ensino da escrita do português como segunda língua, gerando, assim, uma grande inquietação nos educadores e, sobretudo, na comunidade surda. Isso porque o ensino de português como segunda língua para surdos deve ter a Libras como base inicial.

Sabe-se que todo cidadão, seja ele surdo ou não, deve ter o direito de participar da vida social, política e econômica da nação, e a escola pode ter um papel importante para que ele exerça essa cidadania. Contudo, isso não vem ocorrendo de forma satisfatória em nenhum nível e modalidade de ensino, em especial entre os alunos surdos, devido a inúmeros fatores. Um dos fatores que pode ser mencionado, é o fato de que os alunos surdos se deparam com uma posição mais inferiorizada, já que, na maioria das vezes, é negado a eles o direito de serem educados em Libras.

É difícil vislumbrar que o português escrito seja aprendido de maneira satisfatória pelos alunos surdos, pois o aprendizado se dá basicamente pela interação entre as pessoas e o mundo, por meio dos signos, e a ausência de audição é um fator limitador para que essa interação aconteça. Ademais, as práticas pedagógicas acabam priorizando o desenvolvimento da linguagem oral como requisito necessário à aprendizagem da língua escrita, o que não acontece no caso das pessoas surdas.

Esse elemento faltante ou limitante na vida das pessoas surdas acarreta sérios e incalculáveis problemas, tais como no desenvolvimento da leitura, da escrita e, até mesmo, da sua cognição. Portanto, é importante que os professores tenham um conhecimento aprofundado do português, bem como das particularidades de sua aquisição como segunda língua, e que estudem também sobre as culturas e as identidades surdas. Assim, com esse conhecimento prévio, os docentes terão uma melhor compreensão das necessidades de cada aluno surdo. No momento em que forem elaborar os materiais didáticos para o ensino do português escrito, farão uma melhor seleção dos textos que serão trabalhados, pois saberão identificar o nível de complexidade e, também, reconhecer os pontos críticos na aquisição do português por determinado grupo de aprendizes.

Ao iniciar a aprendizagem do português escrito, a maioria dos alunos surdos já possui conhecimento, ainda que básico, da Libras. Portanto, cabe ao professor ensinar o

português da forma mais dinâmica possível, propondo atividades significativas para a realidade dos alunos, levando em consideração a Libras em um contexto que seja o mais real possível. Um exemplo seria reforçar o uso da internet, que é uma prática bastante cotidiana para os surdos e que pode ser mais bem explorada e de forma ampla.

Ensinar o português escrito para alunos surdos não é uma tarefa fácil, visto que, para ampliar o conhecimento da língua escrita, os surdos e os docentes devem partir de propostas simples e, na medida em que os alunos vão dominando esse signo linguístico, o ensino deverá ser sistematicamente aumentado, ampliado e enriquecido. Antes disso, durante o processo de construção de um texto escrito, é necessário que o professor procure verificar se as suas atividades elaboradas estão interligadas com as práticas sociais vivenciadas pelos alunos surdos, de modo a facilitar sua expressão, por meio da construção textual do português. Também é importante ressaltar que o método tradicional, utilizado nas escolas regulares, é insuficiente para os alunos surdos. Entende-se, então, que o ensino de uma L1 é completamente diferente do ensino de uma L2, e isso deve ser levado em consideração.

Os estudos sobre a metáfora

A Linguística Cognitiva, de acordo com Ferreira (2007, p. 22), “caracteriza-se por uma ênfase no estudo da relação entre a linguagem e outras faculdades cognitivas, como, por exemplo, o pensamento, a memória, a percepção e a inteligência”. Dentro dessa área, dois estudiosos da linguagem, Lakoff e Johnson, publicaram o livro “Metáforas da vida cotidiana” (1980 [2003]), que trouxe uma nova percepção sobre as metáforas.

Os estudos de Lakoff e Johnson deram ênfase às metáforas com as quais convivemos na nossa cultura. Elas estruturam as ações que estão presentes nas nossas falas. Como os autores mostram, muitos conceitos são metaforicamente estruturados, uma vez que a nossa língua é metaforicamente estruturada.

Para os autores, muitas construções metafóricas são formas de falarmos de situações da vida. É por isso que, muitas vezes, falamos por meio de metáforas sem nos atentar para esse fato, uma vez que muitas expressões são estruturadas por conceitos metafóricos. A metáfora está presente não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Além disso, as metáforas são encontradas nas línguas de sinais também, não apenas nas línguas orais.

Entende-se por metáfora falar de uma coisa em termos de outra. Assim, entendemos um conceito por meio de outro conceito. Segundo os autores (op. cit., p. 115), “nós estruturamos o conceito menos concreto e vago pelo mais concreto, que é mais claramente delimitado na nossa experiência”. Lakoff e Johnson (op. cit.) explicam que pelo fato de muitos conceitos serem abstratos e não muito definidos nas nossas experiências, como as ideias, o tempo, as emoções, entre outros, ao associarmos esses conceitos aos significados de outros conceitos que são mais concretos e bem delimitados, podemos entender os primeiros de forma mais clara.

Dessa forma, Lakoff e Johnson (op. cit.) afirmam que um conceito pode ser metafórico e também pode estruturar uma atividade cotidiana. Um exemplo apresentado aos leitores é com relação ao conceito TEMPO É DINHEIRO. Os autores mostram como esse conceito se manifesta em algumas culturas, quando os falantes dizem expressões como: “Você

está *desperdiçando* meu tempo. Você está me fazendo *perder* tempo.” ou “Tenho *investido* muito tempo nela.” (p. 50). Nas culturas em que o tempo é um bem valioso ou um recurso utilizado para alcançar objetivos, os autores mostram como essa concepção estrutura atividades humanas. Nas palavras dos autores (p. 51), “pelo fato de que *agimos* como se o tempo fosse um bem valioso - um recurso limitado como o dinheiro - nós o *concebemos* dessa forma. Logo, compreendemos e experienciamos o tempo como algo que pode ser gasto, desperdiçado, orçado, bem ou mal investido, poupado ou liquidado”. Assim, as pessoas utilizam suas experiências cotidianas com o dinheiro para conceptualizar o tempo. É essa conceptualização de um termo em termos de outro que faz com que o conceito TEMPO É DINHEIRO seja metafórico, assim como conceitos semelhantes como TEMPO É UM BEM VALIOSO e TEMPO É UM RECURSO LIMITADO.

A seguir, apresentaremos a metodologia utilizada no trabalho.

Metodologia

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza interpretativa e busca aparato tanto na Linguística Aplicada, quanto na Linguística Cognitiva ao investigar as concepções de aprendizagem de alunos surdos sobre o português como segunda língua. Tais concepções foram encontradas a partir da análise das metáforas presentes nas narrativas dos alunos entrevistados.

O *corpus* da pesquisa é composto por entrevistas realizadas com alunos surdos de um curso de extensão de português como segunda língua oferecido em um campus do Instituto Federal de Minas Gerais e também com surdos que estudam português como segunda língua em outras instituições de ensino. Os alunos entrevistados têm idades variadas entre dezesseis e quarenta anos e diferentes níveis de conhecimento na língua portuguesa. Eles responderam a uma série de perguntas, como a importância do português como segunda língua, quais dificuldades encontram na aprendizagem dessa língua e como aprendem o português. A análise das respostas nos permitiu conhecer as metáforas que eles utilizam para falar da aprendizagem de línguas e, a partir daí, nos permitiu conhecer, também, suas concepções de aprendizagem sobre segunda língua. A próxima seção apresenta alguns excertos das entrevistas realizadas com os participantes e as análises correspondentes a cada um.

Análise dos dados

Nas entrevistas realizadas com os alunos surdos de português como segunda língua encontramos as seguintes metáforas: MENTE É CONTÊINER, APRENDIZAGEM É PONTE e APRENDIZAGEM É MERCADORIA. Comentaremos sobre cada uma delas a seguir.

Uma das metáforas encontradas é MENTE É CONTÊINER.

Excerto 1: Eu quero estudar e aprender tudo do português.

Excerto 2: O surdo precisa que a mãe ensine Libras para ele se desenvolver. A mãe conversar em Libras é importante, senão ele não aprende nada.

Os dados encontrados nesses excertos mostram as expectativas de duas alunas ao estudar o português como uma segunda língua (excerto 1) ou dos motivos de se aprender Libras como primeira língua (excerto 2) e mostram, também, a expressão metafórica da mente

como um CONTÊINER que precisa ser preenchido. Essa expressão metafórica remete a uma visão individualizada de cada uma das alunas sobre a aprendizagem de línguas (FERREIRA, 2016). É como se a mente fosse um contêiner para a aprendizagem.

Além disso, o sinal de ‘aprender’ em Libras é feito na frente da testa, local em que nossos conhecimentos e aprendizagens ficariam armazenados. Ou seja, é um sinal metafórico, que se relaciona com a metáfora MENTE É CONTÊINER. Assim, de acordo com essa metáfora, quanto mais aprendemos, mais “enchemos” a cabeça de conhecimento.

Outra metáfora encontrada foi APRENDIZAGEM É PONTE. Duas alunas, ao falarem sobre seus processos de aprendizagem, dizem ter precisado da ajuda de outras pessoas para aprenderem o português como segunda língua.

Excerto 3: Se pessoa me ajuda a aprender em Libras como é o português eu entendo bem.

Excerto 4: Aprender não é fácil, precisei de ajuda para aprender. Algumas coisas eu não sabia, mas é só a pessoa me explicar e me ajudar que eu aprendo.

No excerto 3, a aluna fala da Libras como uma ponte para o aprendizado do português. Por ter a Libras como primeira língua, ela tem mais facilidade para aprender o português. Já outra aluna, no excerto 4, também afirma precisar de ajuda de outras pessoas para que possa aprender. Nesse caso, as pessoas que a ajudam são como pontes que ligam a aluna ao objeto estudado. No excerto 4 encontramos, ainda, a aprendizagem conceitualizada a partir do domínio TRABALHO (FERREIRA; OLIVEIRA, 2015). Ao afirmar que “aprender não é fácil” e que precisa da ajuda e das explicações de outras pessoas para aprender uma língua nova, a aluna mostra também precisar de seu esforço pessoal para conseguir aprender a língua portuguesa.

Outra metáfora encontrada nas entrevistas foi APRENDIZAGEM É MERCADORIA.

Excerto 5: Troca de informações entre as pessoas. (...) As pessoas do grupo entendem o português igual. Nós trocamos conhecimento para saber o que está certo e o que não está.

No excerto acima, a aluna conceptualiza o que ela e os colegas sabem sobre a língua portuguesa como uma mercadoria. Assim, seus conhecimentos são vistos como uma aquisição e a língua portuguesa é uma mercadoria de troca (SILVA, 2013).

A Libras possui vários sinais metafóricos em seu léxico, como mostramos em um exemplo acima com o sinal da palavra aprender, e também é uma língua que apresenta muita iconicidade. De acordo com Langendonck (2007, p. 395), considera-se que “há iconicidade se algo na forma de um sinal reflete algo no mundo (normalmente por meio de uma operação mental). Para a linguagem isso significa que algo na forma de um signo linguístico reflete (por meio de seu significado) algo em seu referente”.

Muitos sinais da Libras são icônicos, característica que Mandell (1977, apud Wilcox, 2007, p. 1117) definiu como “um gesto (qualquer movimento do corpo ou parte dele) que possui significado na fala e que é visualmente relacionado ao seu referente”. Segundo Wilcox, Mandell defendia que não só o léxico das línguas de sinais é motivado pela iconicidade, mas

também suas gramáticas. Apresentaremos um excerto em que podemos encontrar um sinal icônico referindo-se à aprendizagem da língua portuguesa:

Excerto 6: Minha família sempre conserta meu português.

Ao dizer que sua forma de escrever a língua portuguesa, que estuda como segunda língua, é sempre consertada por sua família, o participante utiliza o sinal de ‘consertar’ em Libras que é feito como se a pessoa estivesse utilizando uma ferramenta, a chave de fenda. Esse é mais um exemplo de um sinal da Libras que possui motivação metafórica, isso é, “consertar” a forma de utilizar a língua, como se fosse consertar um objeto, por exemplo.

Considerações finais

Vimos, neste estudo, a partir de entrevistas realizadas com estudantes surdos de português como segunda língua, como eles conceituam suas aprendizagens dessa língua. Em suas falas, os participantes demonstraram que aprender é como preencher um contêiner, ou seja, como encher a cabeça de informações e conhecimentos. Além disso, a aprendizagem do português como segunda língua é, de acordo com as metáforas que encontramos nas entrevistas, como uma ponte, um trabalho e uma mercadoria de troca. Dessa forma, aprender uma segunda língua, para os participantes, exige a ajuda de outras pessoas e os conhecimentos de suas primeiras línguas, esforço e dedicação pessoal e troca de informações entre os colegas que também estão aprendendo como eles.

Conhecer essas concepções de aprendizagem, de acordo com Ferreira (2016), é uma forma de os pesquisadores entenderem como as línguas são aprendidas e de contribuir para que os professores melhorem suas práticas de ensino. Assim, trabalhos que investigam como os surdos, falantes da Libras como primeira língua, e aprendizes da língua portuguesa como segunda língua, conceituam seus processos de aprendizagem, como eles aprendem melhor e quais práticas os ajudam a aprender melhor uma segunda língua podem ajudar os professores a adaptarem suas formas de ensinar ou a desenvolverem novas metodologias de ensino, assim como pode ajudar os professores a desenvolverem materiais didáticos que sejam mais adequados às necessidades educacionais dos alunos surdos.

Referências

BARBOSA, E. dos R. A. *Navegando no Universo Surdo: a Multimodalidade a favor do Ensino de Português como Segunda Língua em um Curso EAD*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2016.

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Distrito Federal, Brasília, 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm>. Acesso em: 31 jan. 2013.

BRASIL. Decreto no 5.626, de 22 de dezembro de 2005. In: BRASIL. Presidência da República. Presidência da República Federativa do Brasil. 2005.

FERREIRA, L. C. *A compreensão da metáfora em língua estrangeira*. 219 f. Tese (Doutorado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FERREIRA, L. C.; OLIVEIRA, D. Metáforas De Aprendizagem: Um Estudo Sobre A Aprendizagem De Português Como Língua Adicional. In: V Congresso Internacional sobre a Metáfora na Linguagem e no Pensamento, 2016, Belo Horizonte. Anais do V Congresso Internacional sobre a Metáfora na Linguagem e no Pensamento. Belo Horizonte: Fale, 2016. V. I. p. 270-285.

FERREIRA, L. C. *How Brazilian students conceptualize the experience of learning German for academic purposes*. Pandaemonium Germanicum (Impresso), v. 19, p. 124-152, 2016.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. [1981] *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

LANGENDONCK, W. V. Iconicity. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 394-418.

MADEIRA, A. Aquisição de língua não materna. In: FREITAS, M. J.; SANTOS, A. L. (Eds.) *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português*. Berlin: Language Science Press, 2017. p. 305-330.

QUADROS, Ronice Müller de. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SILVA, M. M. dos S. E. *Metáforas de aprendizagem: um olhar sobre narrativas multimodais de aprendizes de língua inglesa*. 115 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

WILCOX, S. Signed languages. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007.